

1

ESTOU NA BEIRA DA PRAÇA apinhada de gente, observando os carrascos acendendo as fogueiras. Os dois homens, vestidos para o trabalho com capas vermelho-escuras e luvas de couro chamuscado, circulam ao redor das plataformas estreitas de madeira, erguendo as tochas acesas bem alto. No topo das piras, quatro feiticeiras e três magos acorrentados em estacas, com feixes de lenha em volta dos pés. Eles olham para a multidão com expressões decididas.

Não sei o que fizeram; não foram capturados por mim. Mas sei que não haverá pedidos de desculpas da parte deles. Nem pedidos de misericórdia no último minuto, nem promessas de arrependimento aos degraus do cadafalso. Mesmo quando os carrascos encostam as tochas na lenha e as primeiras chamas saltam para o céu cor de chumbo, eles permanecem em silêncio. Vão continuar assim, teimosos até o final. Nem sempre foi desse jeito. Mas quanto pior a rebelião dos Reformistas, mais desafiadores os próprios Reformistas se tornam.

De qualquer modo não importa o que eles fizeram. Qual magia utilizaram. Feitiços, espíritos ajudantes, poções, ervas: agora tudo é ilegal. Houve um tempo em que tais coisas eram toleradas, até mesmo incentivadas. A magia era considerada útil — antigamente. Então veio a peste. Provocada pela magia, espalhada pela magia — quase

fomos destruídos pela magia. Alertamos para que eles parassem, mas não pararam. Agora cá estamos, de pé numa praça suja sob um céu manchado, obrigando-os a parar.

À minha direita, a uns 6 metros, vejo Caleb. Ele observa a fogueira, os olhos azuis semicerrados, a testa ligeiramente enrugada. Pela expressão, poderia estar triste, poderia estar entediado, poderia estar disputando uma partida solitária de jogo da velha. É difícil dizer. Nem eu sei o que ele pensa, e eu o conheço há mais tempo do que qualquer pessoa.

Ele vai agir logo, antes que os protestos comecem. Já posso ouvir os murmúrios, os pés se arrastando, um ou dois gritos de algum parente. Pessoas erguem pedaços de pau, seguram pedras. Contêm as mãos em respeito aos homens e mulheres na pira. Mas, assim que eles tiverem partido, a violência vai começar. Contra os carrascos, contra os guardas enfileirados na rua, contra qualquer um que apoie a justiça exercida à nossa frente. As pessoas têm medo da magia, sim. Mas as consequências da magia as amedrontam mais ainda.

Finalmente vejo: um leve puxão num cacho de cabelo louro-escuro, uma das mãos sendo enfiada no bolso lentamente.

Chegou a hora.

Estou na metade da praça quando os gritos irrompem. Sinto um safanão por trás, depois outro. Sou empurrada e colido contra as costas do sujeito à minha frente.

— Cuidado aí, você. — Ele gira bruscamente, com um olhar feroz que desaparece assim que me vê. — Desculpe, moça. Não vi a senhorrinha e... — Ele para, me observando atentamente. — Ora, você não passa de uma criança. Não devia estar aqui. Vá para casa. Não há nada para você ver aqui.

Confirmo com a cabeça e recuo. Ele está certo em relação a uma coisa: não há nada para eu ver aqui. E há outro lugar onde precisam de mim.

Acompanho Caleb por uma rua larga e calçada de pedras, depois pelo Matadouro, um labirinto de becos estreitos e cheios de lixo ladeados por casas atarracadas, de madeira escura, seus tetos íngremes lançando uma sombra quase permanente sobre a rua. Vamos

serpenteando entre elas rapidamente: Rua da Vaca, Pátio do Faisão, Beco do Ganso. Todas as ruas nesta região têm nomes assim, estranhos, da época em que a praça em Tyburn era usada como curral.

Agora é usada para outro tipo de matança.

As ruas estão desertas, como sempre acontece num dia de execução na fogueira. Os que não assistem às queimas estão no palácio de Ravenscourt, protestando contra elas, ou numa das tavernas de Upminster, tentando se esquecer delas. É um risco fazer uma prisão hoje. Nós nos arriscamos com a multidão; nos arriscamos a ser vistos. Provavelmente não haveria risco caso estivéssemos prendendo um feiticeiro comum.

Mas esta não é uma prisão comum.

Caleb me puxa para um portal vazio.

— Preparada?

— Claro. — Sorrio.

Ele retribui o sorriso.

— Coisas pontudas a postos, então.

Enfio a mão embaixo da capa e puxo minha espada.

Caleb assente.

— Os guardas estão esperando por nós no Faisão, e, só para garantir, coloquei Marcus na rua do Ganso e Linus cobrindo a da Vaca.

— Uma pausa. — Meu Deus, como são idiotas os nomes destas ruas.

Sufoco uma risada.

— Eu sei. Mas não vou precisar da ajuda deles. Vou ficar bem.

— Se você diz... — Caleb enfia a mão no bolso e tira uma coroa. Aperta a moeda entre os dedos e a segura bem na frente do meu rosto. — Vamos combinar o de sempre, então?

Recorro à ironia.

— Nem pensar. Meu trabalho é cinco vezes maior, então a recompensa deve ser cinco vezes maior. Além do mais, estamos falando de necromantes. O que significa que há pelo menos um cadáver, um bocado de sangue, uma pilha de ossos... isso quer dizer pelo menos um soberano, seu pão-duro.

Caleb gargalha.

— Você é dura de barganhar, Grey. Ótimo. Vamos combinar dois soberanos e bebidas depois. Fechado?

— Fechado. — Estendo a mão, mas, em vez de apertá-la, ele a beija. Meu estômago dá uma cambalhota engraçada, e sinto calor nas bochechas. Aparentemente ele não nota. Só enfia a moeda de volta no bolso, depois tira uma adaga do cinto e a joga para o alto, recuperando-a com habilidade.

— Bom. Agora vamos. Esses necromantes não vão se prender sozinhos, você sabe.

Vamos nos esgueirando pela frente das casas, os passos chapinhando com leveza na lama. Por fim chegamos à choupana que estamos procurando. É igual às outras: um lugar sujo, de reboco branco, com porta de madeira coberta por tinta vermelha descascando. Mas é diferente de todas as outras, considerando o que há do outro lado. Os magos que costumo capturar ainda estão vivos, ainda são corpóreos. Hoje, não. Sinto um aperto no estômago, como sempre acontece antes de uma prisão: em parte empolgação, em parte nervosismo, em parte medo.

— Vou abrir com um chute, mas você entra primeiro — diz Caleb. — Assuma o controle. A captura é sua. Espada para cima e para a frente. Não a deixe abaixada nem por um segundo. E leia o mandado de prisão logo de cara.

— Eu sei. — Não imagino por que ele esteja me dizendo essas coisas. — Não é minha primeira vez, lembra-se?

— Lembro. Mas esta não vai ser como as outras. *Eles* não vão ser como os outros. Entre e saia. Nada elaborado. E chega de erros, certo? Não posso ficar encobrindo-os para você.

Penso em todas as coisas que fiz de errado no último mês. A feiticeira que persegui por um beco e que quase me escapou. A chaminé onde fiquei entalada, tentando encontrar livros de feitiços escondidos. A cabana que invadi e que não continha feiticeiros preparando poções, e sim dois frades velhos fabricando cerveja. São apenas uns poucos errinhos de nada, tudo bem. Mas eu não cometo erros.

Pelo menos não cometia.

— Certo. — Levanto a espada, as mãos suarentas escorregando no cabo. Enxugo-as rapidamente na capa. Caleb recua a perna e manda o pé contra a porta. Ela se abre com um estrondo, e eu entro na casa.

Dentro encontro os cinco necromantes que estou procurando, amontoados em volta de uma fogueira no centro do cômodo. Há um grande caldeirão empoleirado sobre as chamas, do qual brota uma fumaça cor-de-rosa e fedorenta. Todos usam um manto marrom, comprido e esgarçado, além de capuzes enormes cobrindo os rostos. Estão parados, gemendo, entoando e segurando ossos — ossos de braços ou da perna de uma pessoa muito pequena —, sacudindo-os como se fossem um punhado de xamãs da Mongólia. Eu seria capaz de rir se não estivesse tão enojada.

Circulo ao redor, a espada apontada para eles.

— Hermes Trismegistus. Ostanes, o Persa. Olympiodorous de Tebas...

Paro, sentindo-me idiota. Esses necromantes e os nomes ridículos que dão a si mesmos! Vivem tentando superar uns aos outros.

— Vocês cinco — digo em vez disso. — Pela autoridade do rei Malcolm da Ânglia recebi a ordem de prendê-los pelo crime de feitiçaria.

Eles continuam o cântico; nem mesmo levantam os olhos. Espio Caleb. Ele está parado junto à porta, ainda sacudindo a adaga. Quase parece achar divertido.

— Por meio desta vocês são ordenados a retornar conosco à prisão Fleet e aguardar o julgamento presidido pelo Inquisidor, lorde Blackwell, duque de Norwich. Se forem considerados culpados, serão executados por enforcamento ou na fogueira, segundo a vontade do rei; suas terras e seus bens serão passados à coroa. — Paro para recuperar o fôlego. — Que Deus os ajude.

Em geral essa é a parte em que eles protestam, em que afirmam que são inocentes, em que pedem uma prova. Sempre dizem isso. Ainda não prendi uma feitiçeira ou um mago que diga: “Ah, sim, realizei feitiços ilegais, li livros ilegais, comprei ervas ilegais e graças a Deus vocês vieram me impedir!” Em vez disso, é sempre: “Por que você está aqui?”; “Você pegou a pessoa errada”; e “Deve haver algum engano!”; mas nunca é um engano. Se eu aparecer à sua porta é porque você fez alguma coisa para me atrair.

Assim como estes necromantes.

Continuo:

— Terça-feira, 25 de outubro de 1558: Ostanes, o Persa, compra acônito, um veneno conhecido, no mercado negro em Hatch End. Domingo, 13 de novembro de 1558: Hermes Trismegistus desenha o Selo de Salomão, um talismã usado para invocar espíritos, na Muralha de Adriano, nos limites da cidade. Sexta-feira, 18 de novembro de 1558: todos os cinco foram vistos no Cemitério de Todos os Santos na Fortune Green, exumando o cadáver de Pseudo-Demócrito, nascido Daniel Smith, outro necromante conhecido.

Nada ainda. Eles simplesmente continuam zunindo como uma colmeia de abelhas velhas. Pigarreio e contínuo, desta vez mais alto:

— Os procurados possuem os seguintes textos, todos na lista de *Librorum Prohibitorum*, a lista de livros oficialmente banidos pelo rei: *Magister Sententiarum*, de Alberto Magno. *O Novo Livro de Feitiços Comuns*, de Thomas Cranmer. *Manual de um Cavaleiro Reformista*, de Desidério.

Certamente eles vão reagir a isto. Acima de tudo, feiticeiros odeiam descobrir que você já esteve na casa deles, fuçando em lugares que eles pensavam que ninguém jamais olharia. Pequenos nichos escavados sob as tábuas do piso. Embaixo do galinheiro. Nos enchimentos de colchões de palha. Não há nada que um feiticeiro possa esconder que eu não possa encontrar.

Ocorre-me que é inútil recitar os crimes deles, considerando que os flagrei no meio de um maior ainda. Não sei direito o que fazer. Não tenho o dia inteiro para ficar parada escutando os velhos idiotas cantarem, e não posso deixar que concluam o feitiço. Mas não posso exatamente pular no meio e nocauteá-los com minha espada. Nós devemos capturar, nunca matar. Regra de Blackwell. E nenhum de nós ousaria violá-la. Mesmo assim, aperto o cabo da espada e estou me coçando para começar a usá-la, mas então vejo: uma forma começando a surgir na névoa rosada do caldeirão.

Ela sobe, oscilando e ondulando numa brisa inexistente. O que quer que seja essa coisa que estão conjurando — minha suposição é de que seja Pseudo-Demócrito, nascido Daniel Smith, a quem os vi desenterrar —, ela é hedionda. Algo entre um cadáver e um fantasma translúcido, porém apodrecendo, pele musgosa, membros descon-

juntados e órgãos expostos. Há um zumbido estranho vindo daquilo, e percebo que a coisa está coberta de moscas.

— Elizabeth.

A voz de Caleb me assusta. Agora ele está ao meu lado, a adaga à frente do corpo, encarando a coisa diante de nós.

— O que você acha? — sussurro. — É um fantasma?

Ele balança a cabeça.

— Acho que não. É muito... sei lá...

— Suculento?

Caleb faz uma careta.

— Eca. Sabe, teria sido melhor se você tivesse falado viscoso. Mas... é. E não seriam necessários cinco homens para invocar um fantasma, então acho que é um morto-vivo. Ou talvez um espectro. É difícil dizer. Ainda não está suficientemente formado.

Faço que sim com a cabeça.

— Precisamos impedi-los antes que eles finalizem — continua ele. — Você pega os dois da esquerda, eu pego os três da direita.

— De jeito nenhum. — Viro-me para encará-lo. — Esta prisão é minha. Eu pego os cinco. Esse foi o trato. Você pode ficar com a coisa viscosa da panela.

— Não. Você não pode pegar os cinco sozinha.

— Por três soberanos a mais eu posso.

— Elizabeth...

— Não venha com *Elizabeth* para cima de mim...

— Elizabeth! — Caleb segura meus ombros e me vira. Os necromantes pararam de cantar, e a sala ficou em silêncio. Estão nos encarando diretamente. Em vez de ossos, seguram adagas, todas apontadas em nossa direção.

Desvencilho-me de Caleb e dou um passo na direção deles, a espada erguida.

— O que está fazendo aqui, garota? — pergunta um deles.

— Vim prendê-los.

— Sob que acusação?

Faço “tsc-tsc”, irritada. Se ele acha que vou recitar a litania daquela prisão de novo, vai ganhar é outra coisa.

— Esta coisa aí. — Viro a espada indicando a aparição espasmódica. — A acusação é essa.

— *Coisa?* — diz um deles, parecendo afrontado. — Isto não é uma *coisa*. É um morto-vivo.

— Eu avisei — sussurra Caleb atrás de mim. Eu o ignoro.

— E é a última *coisa* que vocês vão ver — acrescenta o necromante.

— Até parece — digo, levando a mão para as algemas. Baixo os olhos só por um segundo, para soltá-las do cinto. Mas é o suficiente. Um dos necromantes atira a adaga.

— Cuidado! — grita Caleb.

Mas é tarde demais. A faca se crava com uma pancada chocante no meu peito, logo acima do coração.